

VERA COSTA
veralmc@aol.com
Universidade Gama Filho – Brasil

Diante da expansão do universo esportivo ecoturístico na temática da aventura e do risco, de como os conhecimentos racional, sensível e simbólico se relacionam com isso, e tendo por pressuposto que existe um discurso fundante de sacralização nessas atividades, desenvolvemos uma investigação que se deu no campo do conhecimento do Imaginário Social de pessoas envolvidas com atividades esportivas ecoturísticas como lazer na montanha.

A pesquisa, de natureza qualitativa, teve dois objetivos: (a) investigar os sentidos de aventura e risco expressos nos discursos de praticantes de esportes na natureza e em *sites* da Internet de publicidade de turismo esportivo de aventura; e (b) evidenciar os elementos simbólicos e míticos que emergem desses discursos.

A situação da pesquisa foi definida pelos próprios sujeitos investigados e está dirigida para os sentidos atribuídos pelos sujeitos ao risco e à aventura na natureza.

Em função da complexidade do fenômeno abordado, foram adotadas diferentes estratégias metodológicas com a intenção de captar aspectos distintos da composição da realidade. O estudo ficou, então, sob a orientação de uma metodologia pluri-referenciada. Foram utilizados os procedimentos de entrevistas, de associação de idéias com praticantes de esporte aventura na montanha e de análise de imagens de *sites* de publicidades desses esportes. Diante desse compósito, desenvolvemos uma estratégia metodológica em momentos dinâmicos de ir e vir: no primeiro, nos aproximamos do tema, depois construímos um referencial teórico, partimos para o campo de investigação, reelaboramos o referencial, buscamos os *sites*, mergulhamos no universo das entrevistas e vislumbramos o caminho.

Em se tratando de práticas de atividades corporais realizadas com os componentes risco e incerteza, o esporte aventura, em especial aqueles realizados junto à natureza, no âmbito do lazer e do ecoturismo como prática de tempo livre¹, são acompanhados, por parte dos praticantes, de uma atitude de seriedade, em torno do seu caráter recreativo. Esta seriedade exige uma extensa

dedicação de tempo² e reserva um estado de interação com os elementos da natureza e suas variações (sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestade), desencadeando, em relação a eles, atitudes de admiração, respeito e preservação.

Mas o que leva uma pessoa a se embrenhar pela floresta, escalar montanhas ou descer a corredeira de um rio? O que leva sujeitos com relativo nível sócio-econômico e prestígio social a se desligar do conforto da vida urbana e se lançar numa aventura de vida simples que lhe exige audácia e ousadia, atenção constante e também muitas restrições? O que o faz deslocar-se do mundo profano da segurança e da comodidade para lançar-se na busca do que fica fora da regra, da transposição de seu limite, buscando o sagrado? Que fascínio exercem essas atividades sobre seus seguidores levando-os a lhes dedicarem grande parte do tempo de suas vidas, testando seus

² Tomando como referência os critérios criados por Stebbins (1992) pode-se dizer que os praticantes de esporte na natureza manifestam os atributos de engajamento com o lazer sério. A característica mais importante é que esses praticantes progridem ao longo de uma carreira de lazer, tal como o autor a compreendeu. Eles apresentam um comprometimento com a atividade na perspectiva de longo prazo e de envolvimento crescente, voltados para aquisição e aperfeiçoamento de suas habilidades, de conhecimentos e experiências significativas, modelados pelas contingências que os envolvem, pelos pontos de estrangulamento que ameacem o sucesso e pelos estágios especiais de realização. Os atores investem numa vida de perseverança. O planejamento de uma expedição exige, além dos bens materiais, um treinamento físico compatível com a realização da atividade. Cuidados com o condicionamento físico e com a adaptação do organismo à altitude, no caso da busca de travessias e ataques a locais mais distantes ou mais altos. Os desafios de conhecer novos lugares, outros povos e outras paisagens, assim como o autocontrole diante de obstáculos que dificultam alcançar os objetivos parecem se apresentar como estágios a serem superados. E, nesse sentido, eles vão sendo beneficiados pelo auto-enriquecimento, por sentimentos de realização pessoal e de autoconfiança que lhes despertam o desejo de chegar cada vez mais longe, cada vez mais alto. A superação dessas situações limitantes implica em negociação no nível das relações sociais. Muitas vezes esses amadores são forçados a negociar o tempo que precisam para seu lazer junto a patrões, a parentes e cônjuges. Essa negociação é usada por Stebbins no nível das relações, mas outros autores (Scott, 1991; Kay e Jackson, 1991; Crawford et al., 1991) usam a negociação das limitações do lazer no sentido de adquirir condições de realização da atividade para evitar a não participação na atividade. Um processo de negociação envolve a modificação do próprio comportamento do negociador: para atingir os objetivos do lazer uma pessoa pode modificar a atividade (interromper, adiar, cancelar) ou o tempo gasto nela, ou modificar os aspectos de não-lazer da vida para criar condições para desenvolver os objetivos a que se propõe no lazer. De uma certa forma Stebbins, também dá sentido semelhante ao termo.

¹ A partir da Carta Internacional de Educação Física e Esporte da Unesco divulgada em 1978, o conceito de esporte, que se atinha apenas à perspectiva do rendimento, ampliou sua abrangência às manifestações de educação e de lazer, tendo como pressuposto o direito de todos à prática esportiva. Tubino (1991) ao assumir tal abordagem no livro *Dimensões Sociais do Esporte*, apresenta em sua tipologia, uma vertente na qual o homem desenvolve os esportes em relação direta com a natureza, desenvolvendo contatos de muita significação. Neste estudo mergulhamos naquelas práticas que se dedicam ao esporte como lazer, deixando de tratar daquelas que estão vinculadas à competição institucionalizada.

limites³? Como encontrar essas respostas num texto produzido intencionalmente pelos entrevistados para a pesquisadora que lhes incitava com perguntas sobre algo que sempre realizaram, mas que talvez não tivessem a preocupação de realizar elaborações sobre seus feitos? Como quebrar o possível acordo de fala que se estabeleceu entre esses interlocutores (entrevistadora e praticantes)? Como compreender os 'ditos' e os 'não ditos' decifrando o enigma das falas desses atores que desafiam os deuses para melhor poder se aproximar deles?

A prática em meio selvagem⁴ está associada à idéia de aventura, com um forte valor simbólico. Trata-se de uma aventura motriz que mobiliza o imaginário; remete a uma representação fantasmática do meio que é influenciada pelos mitos e símbolos que animam a cultura na qual se desenvolve a atividade.

Essa aventura motriz no meio selvagem, em especial aquelas praticadas na montanha (caminhada, escalada, e canoagem) e que fizeram parte deste estudo, não se apresenta somente como uma prática física, mas se manifesta como um exercício da vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objetivo primordial: o êxtase.

Subir uma montanha ou descer um rio não são atos mecânicos. Exige um ritual que separa o escalador, o trekista ou o canoísta dos mortais comuns (aqueles que não se vinculam a essa prática) e os aproxima do divino, sacralizando suas vidas⁵. Quanto mais ele sobe a montanha ou desce um rio selvagem, mais ele se vence e cada vez mais se aproxima de sua religiosidade, escamoteando o tempo presente, vivendo uma aventura pessoal de liberdade e transcendência. Ele se aproxima do divino que existe em si mesmo.

O fato dessa vivência dar-se na natureza, em especial na montanha, desencadeia um continuum que varia de uma simpatia pela natureza, mágico-religiosa, a uma emoção estética, lúdica, instintiva⁶.

³ Roger Caillois (1988), no livro *O Homem e o Sagrado*, diz que dois abismos limitam o mundo profano da segurança e da comodidade, e que duas vertigens atraem o homem, quando esse conforto e segurança já não o atraem mais, quando se torna pesada a tranqüillidade da submissão à regra. Compreendendo que a regra só tem função de barreira, percebe que o sagrado é o que está fora do alcance e ele se lança na quebra desse limite, num caminho que sem descanso o levará pela via da santidade ou da condenação. Ele então se separa daqueles que nunca ousaram, que nunca tentaram nenhum abismo, e constrói o seu caminho.

⁴ Ver Parlebas (1988, 1998). Este autor desenvolve sua praxeologia motriz sobre a concepção de jogo e de esporte como um sistema de interações entre co-atores e com o entorno. O entorno é entendido como fornecedor de informações a serem captadas pelos praticantes para tomar decisões de intervenção no meio para interação. Esse ambiente é classificado como domesticado, semidomesticado e selvagem, tendo como critério organizacional o controle do ator sobre as informações.

⁵ Todo o preparo para essa "viagem", para essa "expedição" remete ao sentido de um ritual orgiástico: a busca do êxtase final. É uma orgia no sentido grego, do gozo, do êxtase. Não é uma simples expedição. Tem algo maior: amanhã ele pode morrer (ainda que inconscientemente). É o máximo do prazer. Ninguém quer morrer. Todo mundo quer morrer gozando a vida. É o êxtase final. É um sentido ligado no esporte de risco.

⁶ Ver a estética de Schiller (1995, 1997) nos livros *A educação estética do homem* e *Textos sobre o belo, o sublime e o trágico*.

Desfrutar a beleza das paisagens surge para Schiller (1997) como um relaxamento para o indivíduo tenso e contraído. A beleza da natureza, proveniente da paisagem encontrada, onde poucos olhos puderam pousar, é provida de intensa energia, tornando-a sublime, despertando no indivíduo uma sensação de liberdade para aproveitar toda essa energia que se coloca ao seu dispor, possibilitando-lhe uma paz que favorece a harmonia e o equilíbrio, estruturando-lhe o ser.

Os atributos simbólicos da serpente e do pássaro evidenciam essa evolução. Das camadas inferiores, a Terra, o homem vai galgando a montanha na direção do céu, desencadeando uma longa evolução da própria consciência, aprimorando-se até integrar-se em harmoniosa síntese. A oposição dos símbolos (serpente e pássaro) mostram o trânsito do homem pelo eixo que faz ligação entre o mundo terrestre e o mundo celeste: no caso desse estudo, a montanha.

Essa atividade exploratória do meio selvagem se converte num processo de reencontro de si mesmo. Trata-se de um processo de abolição do tempo histórico e do espaço, conduzindo o homem à captação da dimensão do sagrado, redescobrimo a estrutura universal dos mitos, ritos e símbolos.

No entanto, parece haver um hiato entre a idéia de atividade esportiva ecoturística de aventura e risco, ofertada pela publicidade, e o instinto de jogo com o próprio limite, em que os atores satisfazem sua imaginação criadora mapeando as montanhas com trilhas, vias e rios, provando a si mesmo sua capacidade de auto controlar-se, de auto-superar-se e de auto-aperfeiçoar-se. Vivenciam a liberdade como manifestação, impulsionados pelos desejos, sonhos, fantasias, nascidos de uma necessidade interna de expressão, realização de criatividade.

A publicidade constrói discursos apresentando esses atores como radicais, homens do extremo, identidade que eles parecem não assumir como verdadeiras.

O ator racionalmente sabe que é mortal; ama a vida, preserva-se, mas parece encaminhar sua aventura em torno de desafios contra o mais forte: a natureza. Excitado pela incerteza de alcançar o objetivo a que se propõe, mas animado pela certeza de que é possível consegui-lo, joga contra a natureza, desafia-a, desafia-se, travando com ela um combate real e metafórico. Seduzido pela beleza das paisagens, pela energia envolvente, sente-se aconchegado e passa gradualmente a harmonizar-se com ela. Utiliza-se de astúcia e inteligência, desenvolvendo mecanismos de adaptação e de superação dos obstáculos que o cerceiam. Todo o seu ser sobe a montanha.

Esses atores fazem uso de sua potência no agir na montanha, sintetizam no próprio corpo o simbolismo da ascensão, da vocação ascensional da espiritualização do seu ser. A aventura vivenciada parece fundar-se em representações e mitos que o orientam para reencontrar-se, induzindo-o para dentro de si. Autocontrolam-se para alcançar a morada dos deuses e com isso experimentar a condição divina.

No entanto a publicidade parece buscar expô-los no sentido contrário à essa interiorização, enfatizando a expansão exterior, o extremo, o espetacular.

Assim questionamos em que medida a idéia de atividade esportiva ecoturística de aventura e risco, ofertada pela publicidade, converge ou diverge do instinto de jogo com o próprio limite, no qual os atores satisfazem sua imaginação criadora, mapeando as montanhas com trilhas, vias e rios, provando a si mesmos suas capacidades de auto controlar-se, auto superar-se e de auto-aperfeiçoar-se?

Buscou-se, então, respostas às seguintes questões:

- (a) Sobre que mitos e símbolos se fundam as representações de aventura e risco veiculadas no discurso de praticantes de esporte aventura na natureza?
- (b) Sobre que mitos e símbolos se fundam as representações de aventura e risco veiculadas nos sites de turismo esportivo na natureza?
- (c) Como as idéias de limites se expressam nos discursos dos praticantes e nos *sites* de publicidade de ecoturismo esportivo?

Adotamos como estratégia metodológica o caminho fundamentado nas abordagens de Bachelard e Durand, em Eliade e Caillois para reencontrar o sagrado. Duvignaud e Caillois subsidiaram as idéias de lúdico e jogo. Schiller fundamentou a estética.

De Bachelard, apreendemos as idéias de ruptura, de complementaridade entre epistemologia e poética, realidade do instante, tempo descontínuo, símbolos-motores e os arquétipos de Jung; de Eliade, captamos a importância do sagrado como fenômeno irreduzível da consciência humana, a noção de *illud tempus* (tempo-espaco primordial); hierofania, a montanha como ligação que sustenta ao mesmo tempo o céu e a terra, o mundo divino e o mundo dos homens e a natureza sempre carregado de um valor religioso.

Gilbert Durand forneceu a grande sustentação teórica do estudo com suas teses:

O sentido das imagens agrupados em constelações, a noção fundamental de trajetória antropológica, a imagem como componente dinâmico dessa trajetória, a tripartição reflexológica (dominante postural, descida digestiva e gestos rítmicos-sexual), as estruturas heróica, mística e sintética, os regimes da experiência simbólica (diurno e noturno) e os símbolos ascensionais, de descida e engolimento e dramatização do tempo. Os componentes básicos da dinâmica dos símbolos – schème, arquétipo, símbolo e mito, sustentados por Durand, orientaram as análises.

A idéia de lúdico encontrada na pesquisa passa pelo alcance máximo da experiência de cumplicidade do sujeito com seu corpo, transformando simbolicamente a fantasia na experiência corporal lúdica. Os pólos subversivo e normalizado do jogo trazem à tona os aspectos dionisíaco e apolíneo.

Para Caillois o jogo reveste-se de gratuidade, remetendo à entrega pessoal dos participantes. Evidencia duas maneiras de jogar: paidia e o ludus. Aponta a predominância de papéis: agon, alea, mimicry e ilínx.

A estética de Schiller fundamenta a idéia de beleza que permeia essa prática. A natureza, por sua exuberância, de receptividade e de intensidade, promove beleza provida de energia na qual o homem se funde, alcançando o sublime.

Beleza é objeto do impulso lúdico, uma forma que habita nossa sensibilidade. No impulso lúdico,

razão e sensibilidade atuam conjuntamente e dão ao homem um estado de liberdade diante do belo, porque diante do belo, o homem joga, amplia a satisfação do impulso lúdico, que é a unidade entre o impulso formal e material. É a manifestação desta unidade sem qualquer tirania de uma ou de outra.

Para buscar respostas às questões do estudo foram realizadas 11 entrevistas semi-estruturadas com montanhistas, representantes da escalada, da canoagem em rio e da caminhada (*trekking*). Todos homens e praticantes desses esportes como lazer. Utilizamos a análise do discurso de Eny Orlandi.

Também analisamos seis *sites* de publicidade esportiva ecoturística veiculados na Internet. Foram consideradas a organização simbólica encontrada nas figuras e nos textos dos *sites*. As imagens das 14 figuras se distribuíram pelas três estruturas que fazem parte dos regimes diurno e noturno (Durand, 1989): heróica (4), mística (2) e sintética (8).

Os Discursos dos Sites Publicidade

. Uma Interpretação das Imagens

A contemporaneidade faz circular um sem número de imagens saturando seu consumo em grande escala, encaminhando as pessoas a valorizarem o afastamento das rotinas obrigatórias às quais os indivíduos estão expostos no cotidiano. A ruptura desse cotidiano com práticas corporais e de mudanças de ambiente permite ao homem vivenciar uma sensação de liberdade e de agradável regeneração das forças despendidas pelo *stress* da vida diária.

Na indiferenciação reinante nesta sociedade de massas a aproximação entre turismo e natureza evidencia as singularidades do sujeito que testemunha as belezas das paisagens e a singularidade da natureza, bela e regeneradora, passando a se constituir em fatores de diferenciação social. Vivenciar uma viagem de aventura e risco calculado como lazer na natureza demanda, entre outras coisas, prestígio e distinção social.

A indústria cultural no Brasil veicula periódicos cujos títulos provocam a imaginação humana e plantam nos leitores o desejo de buscar a atividade que parece naturalizada nos textos, estendendo-lhes a possibilidade de acesso a essas fantásticas aventuras: "*Família Aventura – A Emoção de Descobrir a Vida ao Ar Livre*", "*Espírito de Aventura*", "*Terra*", "*Outdoor – Aventura e Lazer ao Ar Livre*", "*Garra – Esporte e Aventura*" e outras.

As imagens difundidas pela mídia, segundo Durand (1998) encontram-se onipresentes em todos os níveis de representação e da *psyché* do homem ocidental. A imagem mediática se apresenta desde o berço até o túmulo ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos, seja como informação, como ideologia da propaganda ou como publicidade sedutora. É dessa manipulação icônica que dependem as outras valorizações, implicando em revolução cultural. Reportagens suscitam a formação imaginária do homem aventureiro, seus títulos provocam a imaginação e o desejo: "Paraglider: Realizando o Sonho de Voar", "Aventura Fora da Estrada", "Rapel nas Alturas", "Adilson Morales: No Topo da África", "Loucos por Aventura", "Radicais por Natureza", "O Caçador de Desafios", "Rafting Selvagem no Sul", "Lavando a Alma", "Queremos

Conquistar”, “Caçadores de Emoção”, “Destino Aventura”. A publicidade da natureza seduz o público com reportagens paradisíacas: “Os Defensores da Vida”, “Férias na Montanha”, “Mundo Incrível”, “Quando a Natureza ... Chamega”, “Natureza Sem Limites”.

O atual interesse por temas relacionados ao ambiente e a demanda por práticas esportivas de lazer associadas à aventura e ao risco calculado fez surgir empresas especializadas de turismo que adotam a paisagem como representante da natureza e como cenário para as ações humanas, permitindo novos modos de desfrutar desse panorama. O mercado da aventura conhece hoje um excepcional desenvolvimento junto a essas agências de viagens.

Os destinos desses roteiros se encaminham a lugares exóticos, exuberantes, de grande interesse ecológico, sob a égide de um desenvolvimento ambiental sustentado e de um turismo de baixo impacto, um serviço “limpo”, não poluidor, preservador da natureza⁷.

Esse segmento é reconhecido como ecoturístico, e todas as atividades esportivas de lazer realizadas nesses sítios são incorporadas a esse sentido: atividades esportivas de lazer ecoturísticas. As empresas adotam um marketing responsável, que silencia o sentido que as impulsiona: a mercantilização da natureza e do lazer.

Para explorar a polissemia dos sentidos presentes na publicidade desse tipo de empresas, optamos por compreender os sentidos a que remetem os discursos escritos e os das imagens dos *sites* de empresas, com esse perfil, que anunciam na Internet⁸, bem como seus símbolos e mitos⁹.

A análise dos *sites* e de seus respectivos discursos apontaram que, galgar o alto de uma montanha ou descer um rio, não são atos mecânicos, exigindo uma aproximação da religiosidade do praticante, a vivência de uma aventura pessoal de liberdade e transcendência. Quanto mais ele se vence, mais se reencontra na Natureza, reencontrando o ser-natureza, o divino que existe em si mesmo.

Os discursos dos *sites* se apresentam com fundo religioso, utilizando-se de um referencial imagético heróico, místico e heróico-místico¹⁰; prometem disponibilizar o caminho para o êxtase num local longínquo e sagrado, um outro mundo de onde os atores retornarão renascidos; comprometem-se em conduzir-lhes o caminho, garantindo-lhes segurança e retorno ao mundo dos mortais. Os discursos escritos das empresas examinadas¹¹ são acompanhados de imagens organizadas para reforçar e harmonizar a intencionalidade de ancorar no imaginário o valor dessas práticas.

⁷ Ver “A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo, no livro. *Viagens à natureza: turismo, cultura e meio ambiente*, (Serrano e Bruhns, 1997).

⁸ A publicidade dessas empresas também é encontrada nas revistas especializadas.

⁹ Este estudo assume a concepção de mito que se apresenta em Gilbert Durand.

¹⁰ Em relação à análise do discurso imagético estão sendo utilizados predominantemente os referenciais de Gilbert Durand e Yves Chevalier e Gheerbrant, *Dicionário de símbolos*.

¹¹ Foram examinados os *sites* das empresas Terra Nossa Viagens Ecológicas, Venturas e Aventuras, Alaya Expedições, UGGI Turismo de Aventura, Pisa Trekking e TrilhaBrasil.

O sentido de desafio que parece estar associado à vivência da aventura do selvagem carrega a ambivalência de enfrentamento de obstáculos na natureza (desconforto, ameaças, variações ambientais) e de encontro com sua própria natureza, sua terra sagrada. Surge também a idéia de mergulho dentro de si para elevar-se, de ser preciso ir ao Fim do Mundo para renascer, encontrar a riqueza prometida pela empresa promotora.

A travessia de limiares, demandando a passagem de um lugar a outro, exige um ritual. Esse ritual implica uma viagem de sacrifícios; metaforicamente, uma descida aos infernos, a um lugar subterrâneo, de metamorfoses. A entrada na natureza simboliza o além, “os infernos”, a entrada no mundo embrionário da existência.

Entre o mundo do comum, aquele que habitamos, e o outro, o mundo sagrado, paradisíaco, há um tempo e um espaço limiar que lhes dá passagem. E a Terra Nossa, empresa de turismo esportivo ecológico, oferece-se como ser demiúrgico¹² capaz de fazer cerimônias de passagem. Fala desse lugar social, do semideus, artífice do mundo para Platão, que cria o mundo à semelhança da realidade ideal. Com esse tom sedutor, apresenta-se em condições de criar a mediação da passagem do mundo das experiências comuns ao mundo ideal do fortalecimento do eu interior, dos laços de cumplicidade e solidariedade.

O caráter de mortalidade do demiurgo aparece quando o pacote recomenda o seguro de viagem e de vida.

A arte da Ventura e Aventura é fazer a passagem perigosa com segurança de retorno.

A busca da transcendência, o encontro com o divino, exige a morte e o renascimento em outra vida. A empresa garante o retorno pela segurança que oferece; pois, mesmo oferecendo essa garantia, eles sabem que há o risco da morte nessa expedição e procuram garantir o aspecto terreno. Este é um antagonismo: mesmo prometendo tudo isso, eles sabem que são humanos. Eles se colocam como o demiurgo, capazes de mediar a passagem, mas sabem que são mortais e que devem se cercar de segurança. Por serem empresários no mundo humano que habitam, tornam-se responsáveis pela segurança vendida.

A empresa apresenta-se como guia, isto é, dotada de experiência na atividade. Não se é capaz de fazer isso sem antes ter feito o caminho, para depois conduzir. Emerge aqui o mito de Prometeu: ele vai roubar o fogo e conduzir os homens, iluminando o caminho.

Prometeu é o precavido, o que vê, percebe ou pensa antes.

¹² Eles criam a fantasia de que são portadores da competência de fazer a passagem. Platão diz que o homem vive no mundo das aparências, mundo da *doxa*, mas contrariamente a verdade que está no mundo da *epistemé*, das idéias. Através do exercício da razão o homem se eleva até ter contato com o mundo da *epistemé*, das idéias. Isso só é possível através do demiurgo, que ajuda a sair do mundo das trevas para o mundo da luz, a sair do mundo das aparências para o mundo das essências. A Terra Nossa se apresenta como uma empresa demiúrgica, uma empresa que permite a passagem do mundo da *doxa*, do mundo dos profanos, para o mundo das maravilhas, o mundo das verdades, um mundo de prazer santificado.

A obra (texto escrito e figuras dos *sites*) mistura a tônica heróica da antítese, a nostalgia da antífrase e as presentificações de passado e futuro na reversibilidade do tempo. Apesar de serem empresas de turismo, não se encontrou a palavra negócio ao longo dos textos. O termo é eufemizado pela palavra missão. Em se tratando de um discurso do sagrado, o termo negócio não se aplica, porque é profano. Missão faz parte do vocabulário religioso.

Os sentidos apontaram para uma dimensão heróica épica e para uma visão mística do caminho na natureza. Adotam o discurso religioso, cujas características são encontradas em Orlandi (1987). O locutor (no caso, as empresas de turismo) assume a voz de Deus: imortal, eterno, infalível, todo-poderoso; a retórica é da apropriação, a empresa se transforma naquele que ele ocupa o lugar. Essa relação a faz assumir a forma heróica do demiurgo, compartilhando com os ouvintes que são humanos, mortais, efêmeros, falíveis, dotados de poder relativo, a possibilidade da transcendência.

Tomando por base a teoria de Durand (1989), pode-se dizer que nesses *sites* encontra-se uma mistura dos regimes diurno e noturno, da dominância postural da ascensão a um caminho de transformações pessoais cujo retorno é heróico, e a noção de ciclicidade apresentada na figura espacial circular onde se recomeça um novo tempo; a repetição desse tempo manifesta-se numa intenção de integração de contrários: sacrifício, renúncia para gozar, desfrutar; morrer para renascer; integração que promove uma harmonia global dramática do Tempo. O sacrifício do esforço e do desconforto exigido nas caminhadas, nas escaladas, nos *raftings* não é definitivo; não passam de momentos que são anulados pelo prazer do recomeço de um novo tempo. Trata-se do arquétipo lunar, que é obsessivamente ligado ao tempo e à morte. A lua destaca uma visão rítmica do mundo, realizada por uma visão de contrários: vida e morte, forma e latência, ser e não ser, ferida e consolação.

Um dos símbolos mais importantes que se constela nesse discurso é a "serpente", por sua transformação temporal, sua faculdade de regenerescência, sua metamorfose. Ela desaparece nas fendas da terra, "desce aos infernos" e regenera a si mesmo. Debaxo da terra, conhece os segredos da morte e do tempo, senhora do futuro e detentora do passado.

O símbolo que se lhe opõe é o "pássaro". Ele serve às relações entre o céu e a terra; representa a alma que se liberta do corpo, é símbolo do mundo celeste, em oposição à serpente, símbolo do mundo terrestre. Pode-se dizer que esses *sites* apresentam uma promessa de renascimento, de libertação, de encontro com a própria natureza, regenerada.

A natureza se apresenta nos *sites* com o discurso de alcançar o eterno; a natureza vira a imagem de Deus. Apresenta-se também como lugar de reflexão, como motivadora de pensar e valorizar a vida de modo diferente. Os sentidos vão se deslocando da natureza para a vida pessoal de cada um; e, nesse deslizar de sentidos, suas vidas poderão ser ressignificadas. A aventura anunciada é mística, vai em direção ao interior do homem.

O risco da atividade é silenciado pela alta infraestrutura anunciada e pelos seguros de viagem e de vida obrigatórios que acompanham o pacote de viagem.

Os *sites* apontam a possibilidade de cada um libertar o Ícaro que existe dentro si.

Ícaro que foi sufocado por causa da idéia da segurança. A nossa ameaça mais forte é ousar voar mais perto do sol. A aproximação do homem à condição divina depende da sua desobediência. O seu temor, a obediência, o afasta dos deuses. O imaginário ocidental é repressivo ao homem, carregado de culpas.

As Entrevistas

No imaginário social, a verdade se insinua por meio das pistas encontradas nas marcas lingüísticas dos discursos, ou seja, nas marcas de linguagem, que organizam o discurso dos praticantes de esporte aventura e risco na natureza, que vão sedimentando os sentidos e os seus efeitos sobre aspectos de aventura, de risco, de natureza, de limite.

O jogo que se apresenta neste momento é, portanto, caçar as marcas presentes nos sentidos que os praticantes imprimem a seus discursos, marcas que se expõe nas ações, nos desejos, nas fantasias, nos silêncios que fundam e atravessam as palavras que pronunciam ora para mim, pesquisadora, ora para si mesmo. É um verdadeiro jogo se instala nesse momento. Um jogo humano, de intenções e de palavras¹³.

O contexto e o lugar social do falante orientam o sentido que a palavra assume no discurso. A aventura e o risco para os atores, praticantes de esportes na natureza como lazer, têm um sentido singular que circula nesse micro-grupo.

O mapeamento dos múltiplos sentidos permitiu que as seguintes marcas lingüísticas emergissem dos discursos: a fuga; o vencer; o conquistar; o jogar/brincar; e o reencontro. A conotação de fuga nos remete aos sentidos de *positividade*, de *complemento* e de *reação*. O sentido positivo de fuga, se manifesta na *afirmação da vida*, e remete a diferentes sentidos de *vencer* e de *conquistar*; fuga aparece também como complemento, como *negação da morte*, da *monotonia*, que remete aos sentidos de *jogar*; e enquanto reação é o exercício constante, de *resgate* de algo que socialmente se perde, é o *reencontro*.

O sentido da conquista que os montanhistas apresentam em relação à montanha, em relação ao topo, se apresenta como um jogo de sedução, erotizado pela beleza da paisagem e pela sensação de domínio pessoal do inédito. O sonho impulsionador da conquista para o alto é o símbolo da verticalização, da ascensão. Elevação e potência são imagens contínuas.

Os símbolos ascensionais são inspirados pela preocupação da reconquista de uma potência perdida e, uma das formas de realização, é pela ascensão, por meio da verticalidade através da montanha que o homem sacraliza (Durand, 1989).

As conquistas são construídas aos poucos e, a cada pequeno pedaço vencido, há o festejo de uma pequena vitória. Mas a conquista definitiva dá ao praticante uma sensação de poder, de competência e

¹³ A propósito, Gadamer (1960), citado por Buytendijk (1977), diz que todo jogo fascina o jogador, envolvendo-o, tornando-se o verdadeiro sujeito da atividade lúdica. Nesse sentido, caçar os sentidos que se despistam, assume um sentido de mediação pelo qual se entra em jogo, tornando-se um verdadeiro vaivém lúdico, alternância entre tensão e relaxamento. A tensão de caçá-lo e o relaxamento de tê-lo delineado.

de realização pessoal, de reencontro consigo mesmo, mas também de sua pequenez diante da imensidão que se apresenta aos olhos e da existência de uma potência maior que a sua. Daí sua ambigüidade grande/pequeno, forte/fraco, poderoso/vulnerável.

Tem algo acima de todos nós. É a experiência do simbolismo religioso do Deus Criador, do Senhor do Alto, do Criador Divino dos Mundos, Daquele que Habita o Céu.

Entre a montanha e o escalador, parece desenvolver-se uma comunicação corporal decifrada por ambos para oferecer-lhe adaptação e permitir-lhe a passagem, momentos de êxtase.

A razão que o motiva nos aponta pistas de que ele vai em busca do seu próprio centro. Ao ir à natureza vivenciar uma experiência corporal de ascensão, ele caminha em direção ao alto e, principalmente, em direção a si mesmo. A beleza das paisagens, a solidão, o medo, a satisfação consigo próprio, o desejo, a coragem, a ousadia, encaminham-no ao auto conhecimento. Seu caminho na natureza é duplo: ele passa por um ritual de iniciação e sacrifício, pois o caminho é cheio de obstáculos, mas essa passagem o ajuda a concentrar-se e reanimar em sua consciência algo que foi perdido com as pressões sociais, a consciência de alguns símbolos primordiais. Eliade (1991) diz que este homem coloca em evidência uma situação humana que ele chama de *nostalgia do paraíso*. Daí o desejo de fugir e encontrar-se sempre.

Essa construção pessoal tanto pode se dar pela via da estética que ele escolheu, como por construções mentais que dão suporte às meditações em alguma práticas orientais. Então podemos compreender que o discurso desses esportistas ecoturísticos na natureza, em especial os que aqui estão sendo estudados, é marcado por essa nostalgia, mas que sua força de vontade os encaminha ao reencontro de si mesmos, por uma via lúdica da estética e do jogo, sacralizando cada pequeno passo que parecem construir.

O discurso dos atores parece se aproximar do que em Orlandi (1987) se apresenta como discurso lúdico, de total polissemia, apresentando rupturas, deslizando algumas vezes para um discurso autoritário que se pressupõe sagrado.

O risco, por exemplo, foi silenciado em suas falas e quando apareceu se apresentou como inerente à vida, quase como indiferença. O jogo e a brincadeira ficaram explícitos, o risco ficou implícito, surgindo sob a forma da segurança, da previsibilidade. A exaltação da vida ficou explícita no amor à natureza como matéria viva e o homem como seu grande construtor e, ao mesmo tempo seu possível destruidor. A negação da morte ficou implícita quando ele nega a monotonia da vida em sociedade e se lança à procura do ser-natureza.

O recurso das associações livres¹⁴ acrescenta ao estudo do contexto do imaginário, a subjetividade dos atores que foram convidados a expressarem espontaneamente o que a palavra tomada

isoladamente os fazia lembrar. Solicitamos que, ao estímulo de uma palavra ele dissesse imediatamente, a primeira idéia que lhe viesse à mente. Caso não lhe ocorresse nada, elevasse a mão e passaríamos adiante. Tal procedimento favorece a manifestação de laços emotivos latentes que servirão para a interpretação dos símbolos evocados. Pode-se encontrar, com esse procedimento, os "não-ditos" dos discursos dos praticantes de esportes ecoturísticos na montanha.

A segunda parte das entrevistas com os atores constituiu-se de associações verbais livremente realizadas associadas a oito estímulos selecionados: 1. aventura; 2. risco; 3. medo; 4. limite; 5. poder; 6. natureza; 7. esporte; e 8. coragem. Essas palavras indutoras são provenientes das entrevistas iniciais, exploratórias, o que nos leva a realçar que, tudo o que foi encontrado faz parte do universo dos atores sociais: as induções e às associações. Este pode ter sido um fator que garantiu o fechamento e continuidade das imagens aqui encontradas.

Tomamos em consideração as cognições que foram prontamente lembradas, adotando-se o critério de natureza coletiva, representado pela frequência com que os atores a indicaram. Optamos também pelo critério de natureza individual. Foram adotadas, neste estudo, duas categorias semânticas que atendem a esse duplo critério: as mais lembradas e a prontamente lembrada.

A natureza, em seu aspecto estético e lúdico suscita, provoca e acalma o praticante. A participação em suas imagens vão além da forma e do esplendor. Por sua natureza indomável ela seduz e fascina o homem. Ela reclama o herói. Com sua beleza e simplicidade traz-lhe paz e tranqüilidade, e com sua beleza energética o conduz ao caráter do sublime. Desse modo ele adora o universo e suas criações. Segundo Eliade (1992), a contemplação estética da Natureza, detém "um prestígio religioso" (p.124).

Como compreender, por exemplo, que um sujeito dê preferência a isolar-se na natureza, na montanha, a sacrificar-se em situações de desconforto ou submeter-se a perigos inesperados, ao invés de adotar as práticas esportivas mais comuns na sociedade como o futebol ou voleibol, por exemplo, em que a segurança do espaço construído e semi-domesticado lhe trariam mais intimidade? Que atributos simbólicos podem estar associados a essas escolhas?

Quando não se conseguem explicações científicas para o inusitado, criam-se representações domesticando o estranho¹⁵, isto é, estabelecemos uma mediação entre o conhecido e o desconhecido, buscando-se o limiar que separa os dois mundos, o mundo concreto, explicável e o mundo dos mistérios, enigmático, decifrável.

Os sentidos de poder que esses atores apresentaram remetem aos devaneios terrestres de superação do esmagamento, às características do mundo profano no qual a existência do homem supera, conquista, controla, se autocontrola. Constitui uma profunda dimensão ligada a esse movimento exterior, interior, que aparece, desaparece, a um tempo histórico, que prevê, calcula, extingue, onde nenhuma presença do divino pode ser inserida. Ao passo que a constelação que se forma em torno de natureza, remete a tempo sagrado, a eternidade, a

¹⁴ Essa técnica de associação ou evocação livre foi considerada por Abric (1994) como uma técnica importante para captar elementos constitutivos do conteúdo de uma representação. Para ele a associação livre permite a atualização de elementos latentes que podem ser mascarados nos discursos. Trata-se de compreender as metáforas que falam do silêncio no discurso.

¹⁵ Função da RS apresentada por Moscovici (1994).

um "tempo indefinidamente repetível" (Eliade, 1992, p.60).

O substrato simbólico que podemos ver emergir nessas associações, considerando a teoria de Durand (1989), é a concepção cíclica do imaginário desses atores, sob a regência da lua. A lua é o arquétipo que aparece como a grande epifania dramática do tempo: ela é um astro que aparece, cresce, decresce, desaparece para reaparecer após três noites e dar início a um novo ciclo regular. É ela que regula o movimento natural do tempo, possibilitando-lhe a renovação. Renovação que esse herói, esportista-aventureiro na natureza, vive com ousadia, autocontrole, com superação, com prudência e com tranqüilidade.

Essa constelação, lua/epifania do tempo, agrupa a imagem da mulher das trevas, "Mãe Terrível", aquela que ameaça e por isso exige superação, autodomínio, controle, previsibilidade, prudência, conquista. Essa imagem de mãe é conjugada, eufemizada pela "Mãe Natureza", que traz tranqüilidade, o aconchego, a intimidade, que traduz convívio.

O arquétipo da mãe, segundo Jung (1968), incluindo a mãe pessoal, também se manifesta secundariamente nos aspectos figurativos da mãe como uma deusa e em abstrações como a meta de redenção e em objetos que inspiram devoção e respeito: o mar, a montanha, a lua, as florestas; e naqueles que representam a fertilidade, como os jardins, por exemplo. Para este autor, o arquétipo da mãe se apresenta tanto no aspecto positivo como no negativo. No primeiro, ela é amorosa, associada à solicitude, à sabedoria, simpatia, exaltação espiritual, instintos de ajuda, crescimento e fertilidade. No aspecto negativo, ela é a mãe terrível, associada aos segredos, à escuridão, à sedução, ao mundo dos mortos e ao envenenamento.

Vamos nos valer aqui da fala de um dos entrevistados, que ao liberar o imaginário, revela essa presença da ambivalência da montanha, sob o simbolismo da mãe que se irrita e expulsa e da que aconchega:

"Considerem a montanha... parece uma idéia absurda, como uma entidade viva, e... se você considerar um conceito global de natureza, um conceito de Gaia, de que a terra é um ser vivo, eu, como Montanha, teria dias de bom e de mal humor, dias que eu não gostaria nem de ver pintado os montanhistas na minha frente, me tentando, me incomodando, né... e teria dias que os receberia de braços abertos, não mandaria nenhuma tempestade, ventos de 100 km por hora... Eu os receberia bem, dependendo do meu humor".

Outros entrevistados a colocam na perspectiva da conselheira: "vocês podem usar, mas não deixem sujeira, não detonem a natureza local, e eu os conduzo até o cume da melhor maneira possível." Ou seja, comportem-se bem e receberão meu afago e apoio, mas se fizerem coisas inadequadas, serão punidos como o meu mau humor.

O símbolo da luz, do herói guerreiro, vem equilibrar o simbolismo lunar da epifania do tempo, enfraquecendo-o. Levanta-se no contraponto do atributo do seu contrário: luz/trevas, solicitando ao sol o valor positivo da elevação, do raio dourado, equiparando-o à vitória sobre a noite. E, surge em

meio às associações aqui encontradas, a figura daquele que trata das aventuras de um personagem, que passa grande parte de sua vida empenhado numa tarefa que o desafia, o afasta do mundo comum dos mortais, o inicia nos mistérios de viver, sobreviver em sacrifícios com a Natureza e gozar do ambiente tranqüilo e belo que o envolverá, permitindo-lhe um retorno restaurado. É a dimensão mítica dos heróis épico e do trágico cuja função específica é desenvolver, no indivíduo, a consciência de suas forças e fraquezas.

Ele é um herói épico, em suas conquistas, quando proclama a criação de um acontecimento primordial: a aventura e o risco nos esportes natureza. Ele é um herói trágico quando retorna ao cotidiano.

Dada à ambigüidade humana o praticante transita o tempo todo com as inversões interior, exterior, o sagrado e o profano, assim, como ele transita o tempo todo a posse da natureza.

É possuí-la possuindo-se. É o homem interior do sagrado, é o homem exterior do deboche, do gozo, da orgia, do jogo, do brincar. É o eu religioso interno, e o eu profano, externo, porque eu sou eu e meu mundo, eu sou eu e o mundo exterior, eu sou "eu social", eu sou "eu natureza".

As associações nos evidenciam também a potência do homem para buscar o prazer a tranqüilidade, a quebrar a rotina, para fugir da monotonia. A imagem da monotonia faz reunir um tema antropológico fundamental: a queda. E, esses informantes, ao tratá-la de forma dramática, tendem a fazer dela um tipo de destino, um tipo de morte. Essa experiência dolorosa fundamental faz conhecer o tempo fulminante.

Esse tema da queda remete as imagens a uma superação da realidade que essa imagem revela: a morte, encaminhando-o à vontade de levantar, de elevar-se, à vontade de aprumo. O emprego da vontade, além de imaginado, torna-se ação, os esportistas se encaminham à natureza para realizar suas atividades e lá distinguem e desenvolvem as virtudes de suas almas: um homem ousado, corajoso, auto controlado, criativo, atento.

Esses elementos, imagens e símbolos compõem núcleos mitêmicos para a reconstituição dos mitos que resultam da organização simbólica do imaginário. O substrato mítico encontrado apóia-se, também, nos mitemas básicos que fecham o campo semântico das associações de idéias: superação, atividade com desafio, autocontrole/autodomínio, controle/previsibilidade/prudência. Deles emergem as figuras de Hércules e de Apolo. Hércules que representa a força combativa, simboliza a vitória (e a dificuldade da vitória) da alma humana sobre suas fraquezas; e Apolo, um deus solar que cruza os céus guiando o carro do sol, determinando o surgimento e o desaparecimento do dia. Ele tem um caráter lúdico, representa a harmonia e o equilíbrio, orientando as pulsões humanas no sentido da espiritualização progressiva; trata-se de um dos mais belos símbolos da ascensão da alma humana.

As perguntas que eu me fiz, ao final do estudo foi, por que, num século tão materialista, em que a tecnologia evoluiu a tal ponto que deu ao homem prestígio, segurança e conforto, surgem esportistas cujos discursos apontam perspectivas religiosas tão evidentes? Por que, numa época em que o homem assume a situação existencial de seu reconhecimento

como o principal agente da História, de exaltação da ciência positivista e controladora sobre a matéria e de rejeição aos modelos de humanidade fora dessa condição humana, encontram-se sujeitos, que vão na contramão dessa história, dirigindo-se à natureza? Uma natureza cujo simbolismo cósmico é o Eden, um lugar cheio de mistérios que se apresenta como uma reintegração da manifestação no seu princípio. Um lugar que se manifesta como o sagrado.

Esse homem a-religioso, que habitou o século XX, segundo Eliade (1992), queira ele ou não, descende do *homo religiosus*. Sua constituição se deu a partir de situações que foram vividos por seus antepassados. O homem a-religioso, esse homem profano, que tenta dessacralizar ao longo dos tempos a existência humana, esforçou-se em esvaziar o sentido de religiosidade e de trans-humanidade que envolveu aqueles que o precederam.

Acreditando apenas naquilo que vê, movido pela objetividade dos fatos, ele veio progressivamente se afastando da natureza, aperfeiçoando técnicas de subsistência e de desenvolvimento¹⁶ que ameaçam a sobrevivência do próprio planeta. Mas queira ou não, o homem a-religioso conserva comportamentos religiosos, re-atualizando-os em suas práticas sociais: nas festas de Ano Novo, nos ritos de casamentos e de nascimento de uma criança, nos tabus culturais do homem moderno, na instalação da casa nova, nas mitologias camufladas nos espetáculos, principalmente nos esportes, área temática deste estudo.

Os heróis épicos e os trágicos exaltados pela mídia esportiva, os combates, as provas iniciáticas das competições, os rituais, as festas a que se submetem esportistas-praticantes e torcedores, são manifestações de religiosidade. "*Faça o que fizer, é um herdeiro. Não pode abolir seu passado.*" (Eliade, 1992, p.164-165) Assim o autor enfatiza que o homem a-religioso não pode negar sua ancestralidade por mais que pretenda tornar-se materialista. Melhor dizendo, ele vive repleto de comportamentos religiosos.

Um atleta, um esportista, por exemplo, tem que se submeter a provas de exercícios físicos que o encaminhem ao mais alto, tem que descer profundamente a si mesmo, tem que re-conhecer seus limites, suas paixões, para poder controlá-los, para poder estendê-los. Tem que descer aos infernos e combater seus monstros, vencer os obstáculos, as dificuldades e ressuscitar depois glorioso, purificado. Isso acontece, em maior ou menor escala, independente de ser esportista amador ou profissional.

O homem absolutamente racional não existe. Todos são constituídos por racionalidades e experiências irracionais, por sentimentos, paixões, por imaginação.

Insatisfeito com o que a vida cotidiana lhe oferece, angustiado pelas âncoras perdidas, e assaltado por referências de um inconsciente arquetípico, o homem se lança num processo de busca. Um processo que se encaminha na direção de si mesmo, ao seu interior.

E, hoje, se lança na vivência da aventura na natureza por meio de práticas esportivas ecoturísticas, perseguindo o ser perdido.

E ao mergulhar nesse universo dá início a um processo cujos sentidos deslizam do EU VERSUS A NATUREZA, no qual ele procura vencer os obstáculos, as intempéries, o inesperado, conquistar patamares que antes lhe pareciam inacessíveis. Ao perceber que consegue superá-los, reflete e ousa dirigir-se ao mais alto.

Passa pelos sentidos do EU E A NATUREZA, período em que descobre o prazer de "não ir contra", mas "ir com" a natureza. Harmoniza-se com ela, e passa a jogar junto: explora, descobre, seduz, decifra enigmas. Ele joga com seus adversários criados imaginariamente: outros praticantes, e com a própria natureza (montanha, rio ou cachoeira). Conquista as vias, a montanha, os rios. Seduz para conquistá-los. Faz jogo de esconder, de outros praticantes, as vias que conquistou, brinca de ser o pioneiro nessas explorações a que ele chama de conquistas, decifra os enigmas, mas detém o segredo para si e seus parceiros, provocando os outros a decifrá-los também. Envolve-se no mistério das decifrações do meio ambiente e de si mesmo. Utiliza-se das energias da Natureza, de seus ventos, de suas correntezas.

Ao se encaminhar à trajetória do mundo sagrado, o lúdico toma o sentido da estética e vai se harmonizando com a Natureza e vai se encaminhando à sua própria natureza, e toma o caminho das emoções. O esportista vai abandonando o mundo do jogo e se encaminhando ao mundo do êxtase. O impulso lúdico, que motivou a trajetória, se mantém manifestando-se sob diferentes sentidos: de jogo e de estética. Esse praticante de esporte de aventura e risco ao reencontrar-se nos domínios da Natureza, na contemplação, tudo reveste-se do sagrado, sagrado de coesão. O belo torna-se sublime, a excitação é o prazer do êxtase.

E o esportista alcança, então, o EU-NATUREZA, fase em que se descobre como ser pertencente a ela, ao Cosmos, compreende a sua pertença. Reencontra-se. Realiza-se a fusão do ser-natureza anteriormente fragmentado. Aquele que se propôs seguir o caminho alcança a totalidade, sentindo-se livre. Trata-se de um processo sagrado de purificação, de transcendência.

O esportista adentra à Natureza e reencontra a sua natureza, a sua unidade. Essa busca é uma necessidade existencial. O homem nasce para ser livre, inteiro, e quando ele se percebe tolhido em seu potencial, ele vai ao encontro da liberdade que ele sente perdida.

O praticante desfruta de um gozo primordial com a montanha. Há momentos em que a montanha não o quer, que ela o afasta, o joga para fora, mas também tem momentos em que ela se oferece, acomodando sua mão em pequenas fendas, oferece um apoio para o pé, o ajuda e, aí ele se apropria dela e tem um gozo primordial. Mas um gozo que se dá com a Terra, com o simbolismo da Mãe.

Considerando a figura da Mãe que ora é Terrível e ora é Sedutora, e sua homologia com a montanha e com a floresta, o que nos aparece é uma figura incestuosa.

A necessidade de possuir a montanha, a floresta ou a corredeira, é tão grande, isto é, a necessidade de consumir o ato de prazer é tão intensa que, no momento em que essa necessidade se consubstancia, que ela se encerra, o esportista realmente se sente vitorioso, não só sobre o risco, sobre a escalada, sobre a corredeira mas,

¹⁶ Será lúcido falar em desenvolvimento quando o uso das técnicas pode levar à destruição do planeta?

internamente sobre a superação edípica. Quando ele completa o ciclo, ele superou o tabu do incesto.

E como esses atores ultrapassam esse incesto sem chegar à loucura? Mas como não chegam ao excesso? O contato com a energia primitiva da natureza quebra a visão moralizadora do incesto. O significado de prazer se apresenta desvinculado dessa questão. Em termos metafísicos esses esportistas reencontram o substrato do "prazer em si". É o prazer pelo prazer. É tão primordial e tão intenso que é encontrado de várias maneiras: na superação do tabu do incesto, na transcendência, na vertigem. Trata-se de um prazer mais espiritualizado, mais apolíneo. Por ultrapassar o corpóreo, deixa de sofrer influência da visão moralizante. E esse prazer eles traduzem como liberdade. Ao alcançar esse estado pleno, de êxtase, os esportistas se sentem alcançando a liberdade, um estado intenso, completo, livre de tabus e de amarras.

O impulso lúdico que acompanhou todo o processo do reencontro consigo mesmo, inicialmente movido pelo *agon* do vencer, da conquista, foi dando lugar ao *ilínx* das alturas e à *mimicry* das fantasias do herói, do conquistador, até se consolidar no caráter sublime da estética. A natureza se traduz em forma viva de beleza e isso é objeto do impulso lúdico, uma forma que habita a sensibilidade humana.

A reflexão estética de Schiller nos ajuda a entender a idéia de beleza que permeia essa prática esportiva ecoturística realizada na natureza. A natureza, por sua exuberância, de receptividade e de intensidade, promove uma beleza provida de energia na qual o homem se funde/confunde, alcançando o sublime, o êxtase.

O êxtase que os atores vivenciam nessas experiências não lhes permite a reflexão sobre tal, eles apenas as vivem. Ao alcançá-lo eles desfrutam desse imenso prazer orgiástico, de uma imensa entrega pessoal, o que lhes dá a vivência da sensação do prazer primordial.

Outro ponto que este estudo destacou sobre o esporte de aventura e risco na natureza é que essa vivência é uma das poucas situações em que as pulsões de vida e de morte se harmonizam com menos angústia. O processo que o ator desencadeia nessa atividade possibilita a harmonia dos opostos: a vida, que é negação da morte, a morte, que é negação da vida.

O estudo desmistifica a idéia de que esses atores sejam loucos, suicidas, como pensa a maioria das pessoas. Eles não buscam a morte, eles se lançam para a vida, plena, humana.

A forma de jogar com o corpo, com o movimento, com a imaginação, tende ora para a paidia, quando os praticantes enfrentam e superam obstáculos, realizam proezas; e ora tende para o *ludus*, o pólo normalizado e de integração, quando metamorfoseiam a *paidia* se autocontrolando, se autodisciplinando no treinamento de adaptação ao ambiente, resistindo à fadiga e ao sofrimento, ou ainda, pela meditação, em simbiose com a natureza, adotando um estado de calma e tranquilidade.

Uma outra descoberta no estudo, é que, o esportista aventureiro não resiste ao chamado da montanha, seja para escalar, para descer um rio ou para caminhar. Podem enfrentar o maior perigo que eles não se intimidam. Retornam à atividade.

As montanhas, os rios, as florestas, possuem o Canto das Sereias, e eles não resistem a esse

mavioso canto e se aventuram. A aventura tem algo de instintivo. O aventureiro abandona o racional, não resiste, e sucumbe à sedução da montanha, sucumbe ao gosto de flertar com o perigo. A magia e a alucinação tomam conta dele; ele sabe que o risco é grande, a incerteza do final da empreitada é acompanhada pela sorte que o acompanha, uma certeza de vitória. Ele enfrenta o Canto das Sereias e muitos não voltam. Muitos não sabem escapar, como Ulisses, às emboscadas do excesso e ultrapassam o *métron* e sucumbem como Ícaro, que voou muito próximo do sol e derreteu a cera das asas que seu pai, Dédalo, havia construído para que fugissem da ilha de Creta. A montanha é sedutora, é uma sereia, é uma figura mítica.

Esses atores, embora não pareça, cedem ao Canto, mas se ancoram mais à *sophrosyne*, uma disposição sadia do espírito, estado de moderação e de prudência, que respeita tudo que é sagrado, do que se dedicam à *hybris* do herói. A *hybris* significa "tudo que ultrapassa a medida, o excesso, o descomedimento" (Brandão, 1991, p.558), a violência. Trata-se de uma forma de vertigem, porém com o significado vital de sentimentos orgulhosos. A *hybris*, no pensamento de Jung, é o orgulho cego e, na medida que o homem deseja competir com o divino, ele se lança e ultrapassa o *métron*, a medida de cada um, e aí ele é levado à destruição. E esses esportistas, por amarem a vida, reconhecem seus limites, resguardam o *métron*, a sua própria medida, embora a exercitem, e procurem sempre extendê-la.

Dentre os mitos que dão significado à vida desses eco-turistas-esportistas encontramos Prometeu, Ulisses, Ícaro, Dioniso, Hércules, mas podemos adotar como pregnante, o mito de Apolo. Apolo é o Deus do Oráculo e seu simbolismo é o da espiritualização. Suas advertências muito vêm ajudando a tarefa de dar sentido à vida desses esportistas - "Conhece-te a ti mesmo". O esporte na Natureza é regido pelo arcaísmo e o modernismo de Janus, o senhor das passagens.

Outro aspecto importante que merece ser destacado é que os esportes de aventura e risco apresentam a dimensão pedagógica fundamental para o homem do século XXI, que é o homem globalizado, que desliza de um campo para outro, num mundo que não vai ser setorializado, que vai ter que desbravar as montanhas da vida. O homem que foi criado nos ideais da permanência, da segurança, está tendo que ser desmontado no mundo contemporâneo. Ele não tem mais tantas referências como seus antecessores do século XX. Num mundo de aparentes seguranças, de estabilidades, num mundo de múltiplas âncoras, aonde é que o homem do século XXI, que viverá num mundo planetário, em que a segurança não se fixa, se desloca, como é que esse homem pode ser formado, como ele pode se construir? Ele só pode se construir ancorando a segurança nele mesmo.

E este homem tem no esporte de aventura e risco uma das melhores práticas para isso. Para se educar alguém que possa viver com paixão e ter ancoragem em si, é preciso desenvolver um homem que tenha audácia, ousadia, ludicidade, presenças constantes, para decifrar problemas, e convivências com muitas restrições. Essas parecem ser categorias indispensáveis para a formação do homem para a virada do século. Até mesmo para navegar no mundo virtual das redes de comunicação, em que ele tem que imaginar. Ele tem que se soltar e construir os

caminhos. A vivência desses esportes não é só uma prática de lazer, é mais, é a vivência de uma dimensão pedagógica.

Talvez esses homens sejam os últimos sobreviventes da luta pela vida autêntica, verdadeira vida humana que é a vida do homem como ser da Natureza. Talvez sejam pioneiros do paradigma de uma nova educação.

A contribuição deste estudo, no nosso entender, é chamar a atenção de pais, professores, administradores e políticos que a educação em geral e a Educação Física em especial, passam por esse reencontro com a Natureza, por resgatar esse ser-natureza, esse ser Cosmos que existe no interior das pessoas. A forma de incorporação do sujeito na sociedade leva à morte desse lado da vida. Toda a

nossa prática social e pedagógica leva-nos à segurança. Evitamos quedas com as seguranças. A gente impede que o outro desenvolva suas defesas naturais, aquilo que ele tem dentro dele, porque na Natureza ele tem necessidade de criar e usar essas defesas. E a EF, que trabalha com o corpo e com os sentidos, tem que fazer uso de metodologias que promovam o aguçamento desses sentidos, porque é ali que podem ser encontradas as respostas para o ser-natureza que está dentro do homem. Se isso não acontecer, o que se tem é o homem ser-máquina, o homem ser-simulacro, o homem ser-morto. E esses atores dão seu testemunho da luta contra a morte, contra a rotina. Não é da luta pela sobrevivência, mas da luta por um sentido humano de viver.

**TO FIEP FAMILY, OUR
WISHES FOR A HAPPY
HOLIDAY SEASON!**

**À LA FAMILLE FIEP,
NOS VOEUX DE
BONNES FÊTES!**



**A LA FAMILIA FIEP
NUESTROS VOTOS DE
FELICES FIESTAS!**

**À FAMÍLIA FIEP, OS
VOTOS DE BOAS
FESTAS!**